

Milhares de fragmentos de peças foram recolhidos nas intervenções arqueológicas. Destaca-se a coleção relacionada com os objetos usados no quotidiano da Casa dos Bicos, antes do terramoto de 1755.



1. Vaso de noite
Faiança
Decoração “faixa barroca”
Lisboa
Século XVII

2. Taça
Cerâmica fina modelada
Lisboa
Século XVII

3. Galheta
Vidro
Fabrico desconhecido
Final do século XVII –
início do século XVIII

4. Azulejo de aresta
Cerâmica esmaltada
Decoração com motivos
vegetalistas
Sevilha
1ª metade do século XVI

5. Cachimbo
Cerâmica
Fabrico desconhecido
2ª metade do século XVII –
1ª metade do século XVIII

6. Prato
Faiança
Decoração “motivo de rendas”
Lisboa
Final do século XVII –
início do século XVIII

7. Cálice
Vidro
Inglaterra (?)
1ª metade do século XVIII

8. Prato
Porcelana
Decoração motivos florais
China
Dinastia Qing,
reinado de Kangxi,
1662-1722

9. Tacho
Cerâmica
Lisboa
Século XVII

10. Bilha
Cerâmica
Fabrico
desconhecido
Século XVII

- ▶ Entrada
- ℹ Receção
- 🔒 Loja
- ♿ WC
- ⬆️ Elevador
- ♿ Acesso Fundação José Saramago
- Ⓐ Estruturas arqueológicas (muralha e outras / Conjunto A)
- Ⓑ Estruturas arqueológicas (cetárias / Conjunto B)
- Ⓒ Estruturas arqueológicas (muralha e outras / Conjunto C)
- ⓐ Casa dos Bicos (história do sítio)

CONTACTOS
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel: 210 993 811
info@museudelisboa.pt
www.museudelisboa.pt

HORÁRIO
De segunda feira a sábado,
das 10h00 às 18h00
(última entrada às 17h30)
Encerra ao domingo
e feriados

ADMISSÃO
Visita gratuita

VISITAS DE GRUPO
Mediante marcação
prévia pelo telefone
217 513 256 ou email
servicoeducativo@museudelisboa.pt

ACESSIBILIDADES
Acesso a pessoas com mobilidade
reduzida

TRANSPORTES
Autocarro: 728, 735,
759, 781, 782, 794
Elétrico: 12E, 28E
Metro: Terreiro do Paço

ESTACIONAMENTO
Parques nas proximidades:
Praça do Município e
Campo das Cebolas

EGEAC MUSEU DE LISBOA

MUSEU DE LISBOA PALÁCIO PIMENTA

MUSEU DE LISBOA SANTO ANTÓNIO

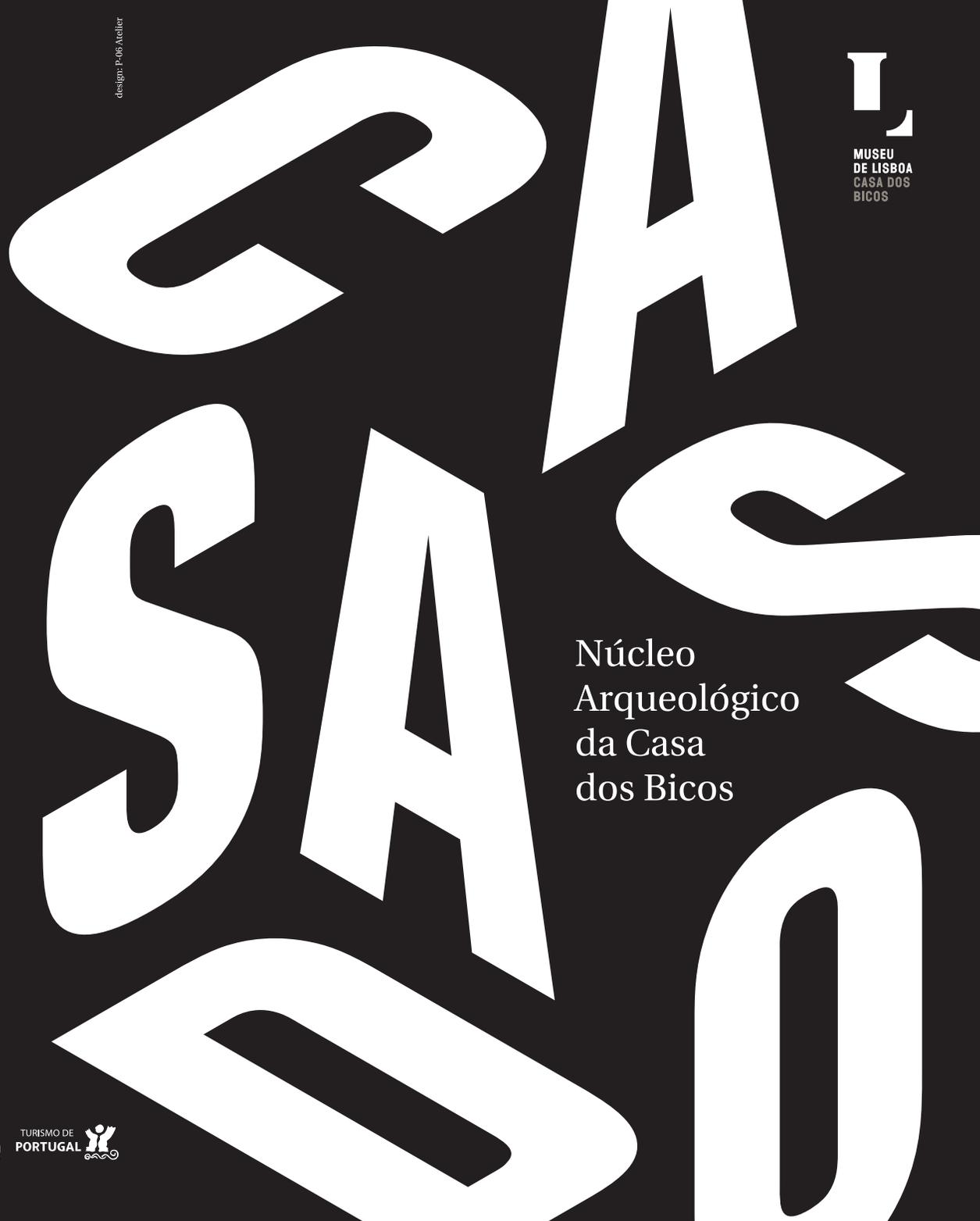
MUSEU DE LISBOA TEATRO ROMANO

MUSEU DE LISBOA CASA DOS BICOS

MUSEU DE LISBOA TORREÃO POENTE

CAL

TURISMO DE PORTUGAL



Núcleo
Arqueológico
da Casa
dos Bicos

O EDIFÍCIO

Sob o impacto da Expansão, a aproximação da cidade ao rio constituiu um dos aspetos mais marcantes na Lisboa do século XVI. A transferência do Paço Real para junto do Tejo e a definição do Terreiro do Paço, centros do poder político e económico, definiram o reordenamento da cidade. A oriente, a imagem marcada até então pela velha muralha ribeirinha, foi sendo substituída por uma extensa frente de residências nobres, mantendo-se apenas as antigas portas de ligação ao rio. A Casa dos Bicos, mandada construir por Brás de Albuquerque, filho do segundo Vice-Rei da Índia, entre 1521 e 1523, surgiu neste contexto. Localizada junto às Portas do Mar destacava-se por ostentar uma fachada singular revestida por uma malha reticulada de «pontas de diamante», comumente designadas por «bicos», inspirada em modelos renascentistas italianos, nomeadamente no Palácio dos Diamantes, em Ferrara. A obra, atribuída a Francisco de Arruda, conjuga essas influências com uma linguagem tardo-gótica manuelina, expressa nas janelas geminadas suportadas por colonelos. Esta fachada, onde a distribuição assimétrica dos vãos foi determinada pelas necessidades funcionais do interior da casa, exibiu ainda uma elegante e pequena galeria aberta (*loggia*) composta de três arcos. Adaptada à topografia de encosta, a casa comportava quatro pisos: loja e sobreloja, existentes apenas na parte voltada ao rio, e dois andares superiores destinados a habitação. A entrada principal, pela atual Rua Afonso de Albuquerque, daria acesso a um pátio de ligação ao interior da casa e a uma passagem para a zona ribeirinha.

“Propriedade (...) chamada dos bicos que tem de frente noventa e três palmos e dois terços, e de fundo até a rua do albuquerque noventa e seis palmos, com loja e sobreloja e dous sobrados...”

Tombo do Bairro da Ribeira, 1755.
Arquivo Nacional da Torre do Tombo



Casa dos Bicos

Fachada sul 1955-1970
Fotografia de Artur Pastor
Arquivo Municipal de Lisboa /
Núcleo Fotográfico

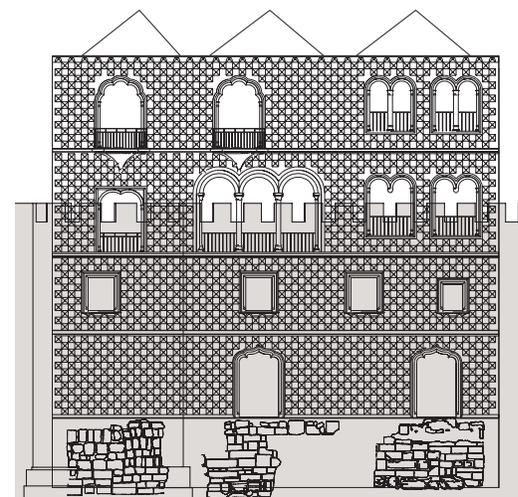
Fachada sul 2018
Projeto dos arquitetos
Manuel Vicente e Daniel Santa-Rita
Fotografia Museu de Lisboa

O terramoto de 1755 e o incêndio que se lhe seguiu foram responsáveis pela destruição dos dois pisos superiores. A descaraterização funcional do edifício tornou-se particularmente evidente a partir deste período. Nele funcionou um estabelecimento ligado ao comércio do bacalhau.

Em 1910 foi classificada como Monumento Nacional, acabando por ser adquirida pela Câmara Municipal de Lisboa em 1955. Apesar da existência de vários projetos de índole cultural para o espaço, apenas no início dos anos 80, no âmbito da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, foi reabilitada para acolher um dos núcleos expositivos. O projeto, da responsabilidade dos arquitetos Manuel Vicente e Daniel Santa-Rita, restituiu a volumetria original da casa e introduziu vãos de linguagem contemporânea, inspirados nos originais. A intervenção arqueológica decorrente da obra, coordenada pelo antigo Instituto Português do Património Cultural evidenciou dados inéditos sobre a evolução ocupacional do sítio, tendo sido musealizadas algumas das estruturas arqueológicas encontradas. Entre 1987 e 2002 foi sede da Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, e entre 2003 e 2008 acolheu a Vereação da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa. Em 2008 a autarquia cedeu os pisos superiores para a instalação da Fundação José Saramago, reservando o piso térreo para a criação de um núcleo arqueológico que integrou outros vestígios recuperados em nova campanha arqueológica desenvolvida em 2010 pelo município.

A Casa dos Bicos, um dos exemplos mais representativos e emblemáticos da arquitetura civil da Lisboa do século XVI, contém memórias onde se cruzam vestígios de diversas épocas ao longo de cerca de 2000 anos.

O CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA



Reconstituição conjetural dos alçados da Casa dos Bicos e da muralha tardo-romana (final século III-IV)

As intervenções arqueológicas deram a conhecer diversas fases da evolução desta parcela da frente ribeirinha, entre o período romano e a atualidade. Da cidade romana de *Olisipo* foram pela primeira vez identificados vestígios de uma unidade fabril de preparados e condimentos de peixe, instalada provavelmente no século I d.C., no sopé da colina, junto à praia fluvial. Atualmente contam-se mais de uma dezena de sítios onde equipamentos deste tipo foram descobertos, permitindo imaginar uma ampla frente de construções ao longo do rio e esteiro, na atual Baixa. A exploração dos vastos recursos marinhos do estuário do Tejo fizeram desta atividade uma das principais fontes de riqueza de *Olisipo*, destinando-se os produtos não só ao consumo local e regional mas também à exportação. A identificação de um troço de muralha e torre de planta semicircular documenta o reforço defensivo que as cidades romanas sofreram a partir do final

do século III, num contexto de instabilidade económica, política e militar que vinha assolando o Império. Profundas alterações urbanas foram então operadas nas cidades. A desativação desta unidade fabril, da qual subsistem quatro tanques de planta retangular (cetárias), é disso exemplo.

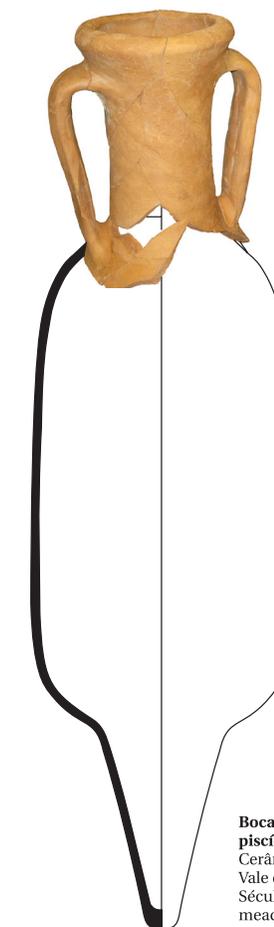
A intervenção arqueológica permitiu comprovar que o traçado da muralha medieval integrou neste local a antiga muralha romana, sendo evidente a construção de uma nova torre quadrangular sobre a pré-existente. A progressiva desativação da estrutura defensiva, iniciada em meados do século XV, é testemunhada pelo registo arqueológico de várias construções que ocupavam a área intramuros, delimitada a norte pela antiga Rua dos Arcos, próxima à atual Rua Afonso de Albuquerque. Fora da muralha, na praia fluvial, a presença de estruturas precárias e de depósitos de lixo comprovaram as vivências em ambiente ribeirinho. A construção da Casa dos Bicos veio alterar a fisionomia do local, respeitando, no entanto, o alinhamento da face externa da torre que foi absorvida pela construção.



Pormenor de segmento de muralha tardo-romana que integra elementos arquitetónicos reutilizados na base

“... o Tejo não só tem uma largura na foz de 20 estádios como a sua profundidade é tal que o podem subir barcos de 10.000 ânforas. (...) O rio tem muito peixe e grande quantidade de ostras.”

Estrabão, Geografia, Livro III, 3.1
(final do século I a.C. – início do século I d.C.)
Tradução: Amílcar Guerra FLUL-UNIARQ



Bocal de ânfora piscícola (Dressel 14)
Cerâmica
Vale do Tejo ou Sado
Século I –
meados do século III